

## **Pensando o Brasil sociologicamente a partir da religião: discussões contemporâneas sobre o catolicismo brasileiro**

**Autora: Olivia Forat Montero**

**2º semestre/ 2017**

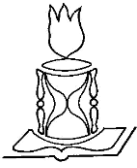
**Texto Teórico**

### **Introdução**

A religião é uma questão fundamental para as ciências sociais desde sua origem. Todos os autores fundadores da sociologia e antropologia se debruçaram sobre ela, e o impacto destes estudos sobre suas teorias de modo geral não pode ser subestimado. Nos casos de Durkheim e Weber, por exemplo, *As Formas Elementares da Vida Religiosa* e *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (respectivamente) são obras paradigmáticas dos autores.

O modo como os clássicos abordam – e, anterior e principalmente, constroem – o problema da religião nos dá uma chave essencial para a estrutura de suas teorias. Nas palavras de Hervieu-Léger e Willaime na introdução de seu livro *Sociologies et religion* (2001): “reler os clássicos desde o ângulo de sua análise dos fatos religiosos tem aliás se revelado uma maneira excelente de entrar em sua problemática geral e expor seu método” (p. 2).

Evidentemente, não é possível se propor a representar neste espaço sequer uma fração de um debate ao qual a maioria dos grandes autores deu sua



contribuição em algum momento, e nem mesmo da literatura nacional sobre o tema. Portanto, o objeto deste texto será reconstruir algumas posições no debate mais recente sobre o catolicismo brasileiro. No entanto, consideramos importante apresentar em linhas gerais algumas observações colhidas de revisões bibliográficas mais amplas.

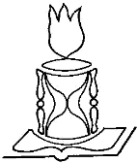
No Brasil, o campo disciplinar de estudos da religião se divide de maneira particular e altamente reveladora. Conforme aponta Paula Montero em seu texto *Religiões e dilemas da sociedade brasileira* (1999), tradicionalmente a sociologia se ocupou majoritariamente do catolicismo e a antropologia, das religiões afro-brasileiras, deixando o restante da multiplicidade de manifestações religiosas brasileiras em segundo plano (p. 328). Apenas a partir da década de 90 o protestantismo ganha dentro da literatura um espaço, agora cada vez mais crescente. Segundo Montero,

A abordagem sociológica privilegia a análise das relações políticas horizontais de Estado para “Estado” (Vaticano, Igreja católica em geral) e as relações políticas verticais, relações da sociedade organizada com o Estado: movimentos sociais e participação dos agentes religiosos. Na abordagem antropológica, geralmente desaparecem os agentes sociais como atores no espaço societário; os estudos antropológicos, voltando-se para a análise das cosmovisões religiosas que se expressam a partir de ritos e crenças particulares, desenvolvem-se predominantemente na chave da cultura.

### **Catolicismo e política: ditadura militar e Teologia da Libertação**

Montero situa as discussões acadêmicas sobre o catolicismo a partir do problema da política, especificamente, da democracia: tendo o catolicismo cumprido o papel de mais importante ator na construção da sociedade civil desde sua separação do Estado com a criação da República (2012), esperou-se tradicionalmente desta instituição que fosse central na consolidação de uma sociedade democrática (Montero, 1999).

Assim, Mainwaring (1985, apud Montero 1999) critica os estudos do catolicismo brasileiro por gastarem muita energia em um debate sobre o papel da

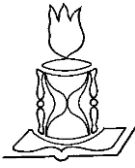


Igreja na sociedade é progressista ou conservador, apontando os trabalhos de “Ana Maria Doimo (1984), Vera da Silva Telles e Silvio Caccia Bava (1981) e Maria da Glória Gohn (1982) como críticos, e Ivo Lesbaupin (1980) e Luis Eduardo Wanderley (1980) como favoráveis” (p. 333). Faltaria a eles uma maior atenção aos aspectos da teleologia específica que orienta a Igreja, para além de “uma visão puramente institucional e exterior do ator no espaço social” (p. 334). Montero aponta Roberto Romano (1979) como um autor que buscou enfrentar tais reducionismos, chamando atenção para as particularidades da linguagem da Igreja, não sendo possível interpretar sem mediações teológicas suas apropriações de termos políticos como “pobres”, “oprimidos”, “caminhada” etc.

Um autor que Montero não inclui em sua revisão bibliográfica, pois apesar de brasileiro, mora e publica na França, é Michael Löwy. Ele tem uma contribuição relevante especialmente nos estudos da Teologia da Libertação, fenômeno que recebe merecidamente uma atenção particular dentro dos estudos do catolicismo do período. O autor chama a atenção para o papel de destaque da corrente no Brasil em relação ao conjunto da América Latina: apesar da pressão por parte do Vaticano, a CNBB recusou-se a condená-la. Um ponto interessante da análise de Löwy é sua atenção para “as determinações culturais e sociais específicas à Igreja” (2016, p. 84), ou, na expressão de Leonardo Boff (1986) que ele mesmo cita, a “autonomia relativa do campo eclesiástico-religioso”. Dessa maneira, o autor faz uma análise sociológica da Teologia da Libertação centrada na política, mas, pode-se argumentar, é capaz de evitar os reducionismos criticados por Mainwaring e Romano.

### **Declínio do catolicismo brasileiro**

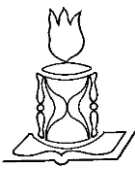
Por fim, vale destacar o texto de Patricia Birman (2002), provocativamente intitulado “O que aconteceu com o maior país católico do mundo?”. A autora, inserida também em um campo de discussões centrado no Rio de Janeiro sobre violência urbana, faz uma ponte entre esse fenômeno e o declínio do catolicismo brasileiro, argumentando que o catolicismo “secularizado” da Teologia da Libertação, com sua proposta de uma via terrena de transformação social, perdeu impulso junto com a tendência geral de refluxo dos movimentos de base e o crescimento das tendências conservadoras no interior da Igreja católica.



Ela atribui, assim, o sucesso das igrejas pentecostais – especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus – à capacidade de seu discurso contra o “Mal” de oferecer respostas à questão da violência urbana e do comércio de drogas, construída “como a quintessência do mal, que estaria sendo produzido nas favelas” (p. 333). Para a autora, quanto maior a criminalização da pobreza associada a esta construção, mais “tem crescido o papel dos grupos religiosos nas favelas, como resposta, principalmente, à demanda pelas identidades morais positivas que fornecem” (p. 346). A conversão ao pentecostalismo seria uma maneira de se associar com poderes morais e espirituais muito superiores, capazes de enfrentar o Mal e ganhar.

A postura humanitária da Igreja católica, em contrapartida, passou a ser associada com uma “recusa a utilizar seus poderes divinos e sagrados no combate às formas extremas do Mal presentes no cotidiano das pessoas” (p. 366). Internamente, a resposta da Igreja católica foi um crescimento de sua vertente carismática, dotada de uma expressividade e midiaticização capazes de se aproximar do exemplo das igrejas pentecostais.

Tanto em sua análise quanto na de Montero e Almeida (2002), esse novo cenário representa uma ruptura na hegemonia católica, produtora da imagem de um povo católico e da própria instituição como referência de coesão social. Miranda (1995) defende que as mudanças no catolicismo brasileiro desde a segunda metade do século XX sejam entendidas dentro do quadro geral do que Hervieu-Léger (1987) chama de “recomposição do campo cristão”. Assim, estas transformações representam para a sociedade e para os estudos de religião o desafio de um olhar novo e mais plural para a configuração social e institucional do país.



## **Bibliografia**

BIRMAN, Patrícia. “O que aconteceu com o maior país católico do mundo?” *Brasil: fardo do passado, promessa do futuro*. In: BETHELL, Leslie (org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Vers un nouveau christianisme. Introduction à la sociologie du christianisme occidental*. Paris, Éditions du Cerf, 1987.

\_\_\_\_\_ ; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologies et religion; approches classiques*. Paris: PUF, 2001, 289 p. (coll. «Sociologie d'aujourd'hui»)

LÖWY, Michel. *O que é cristianismo da libertação? Religião política na América Latina*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

MIRANDA, Júlia. *Horizontes de bruma: os limites questionados do religioso e do político*. São Paulo: Maltese, 1995.

MONTERO, Paula. Religiões e dilemas da sociedade brasileira. In: *O que ler na ciência Social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS/CAPES, 1999.

MONTERO, Paula; ALMEIDA, Ronaldo R. M. de. “O campo religioso brasileiro no limiar do século: problemas e perspectivas”. In: RATTNER, Henrique (org). *Brasil no limiar do século XXI*. São Paulo: Edusp, 325-340, 2000.

MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando a religião como discurso. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p.167-183, 2012.